

AS INTERFERÊNCIAS ENTRE A ARQUITETURA, O URBANISMO E A MODA, NA DEFINIÇÃO DE UM ESTILO PARA O SÉCULO XXI ¹

Ainda em andamento, esta pesquisa é o tema da tese, a ser defendida no curso de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal da Bahia. Neste estudo, se abordam as interferências que são identificadas, interfaceando a arquitetura, o urbanismo e a moda, que, analisados sob um olhar conceitual, como produtos de expressão artística e cultural, compõem a paisagem das cidades.

O objetivo é perceber, através dos pontos de origem, de congruência e de convergência, que são observados ao longo do tempo, entre os três vetores da pesquisa, o rebatimento que tais questões representam na definição de um estilo, visando contribuir na identificação da estética arquitetônica contemporânea, por meio de uma análise formal e conceitual, compreendida no decurso dos movimentos sócio-culturais urbanos e das grandes transformações no cenário mundial, sob os aspectos políticos e econômicos, além dos impactos causados pelos processos de modernização das cidades, os quais, impuseram adaptações radicais, imprimindo novos modos, às populações citadinas ocidentais, desde o final do século XIX.

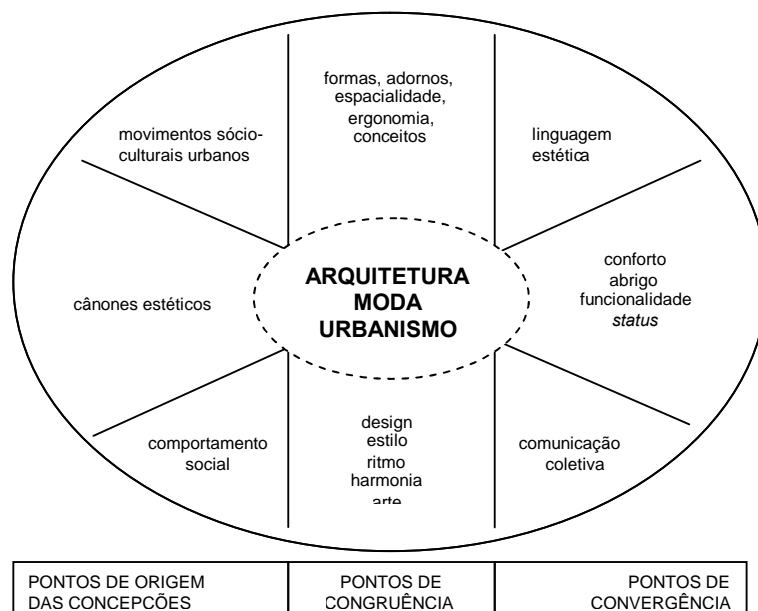
Na busca de esquadrihar uma relação entre o indivíduo e o meio, através da própria adequação, este estudo se desenvolve a partir de uma ótica plural, que compreende analisar, entre diversas questões, o curso do desenvolvimento estético na trajetória histórica linear e o perfil comportamental traçado pela reciclagem dos valores sociais que modificam hábitos e costumes, além das conseqüências diretas que o desenho arquitetônico, e, o desenvolvimento de uma tecnologia aplicada especificamente às questões urbanas, provocam no comportamento do indivíduo, levando-o a adotar uma indumentária que melhor se adeque às necessidades de habitar, transitar e conviver nas cidades, através de novas concepções espaciais, ou da inserção de novos equipamentos e mobiliários.

A comunicação coletiva é um dos pontos de partida mais importantes para a análise da moda, da arquitetura e do urbanismo, enquanto, são agentes de um fluxo de informação contínua. Utilizam uma mesma dinâmica imagética, apoiados em uma

¹ **MELLO**, Márcia Maria Couto. Doutoranda e Mestre em Arquitetura e Urbanismo, com área de concentração em Conservação e Restauro, pelo PPGAU / FA-UFBA. Integrante do grupo de pesquisa História da Cidade (UFBA / CNPq). Professora da UNIFACS, nos cursos de Gestão de Moda (História da Moda e Estética) e Arquitetura e Urbanismo (Estética e História da Arte). Coordenadora do Arquiemória – laboratório de pesquisas vinculado ao NEPAUR – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / UNIFACS.

linguagem visual imediata, para expressar sentimentos e materializar a ideologia que vai estar refletindo um tempo e um espaço. Entende-se que *“uma visão estrutural de um edifício, concebida pelo arquiteto, pode ter a resposta numa linguagem da moda e vice-versa. Isso não quer dizer que o estilista vá construir um prédio, mas pode ter influência. O arquiteto, por sua vez, pode ter influência da moda para fazer o projeto de um espaço tridimensional”* (Freitas apud Wajnman, 2002, p. 37).

Influenciados pelos mesmos cânones, os profissionais de criação que coexistem, tendem a se comunicar através de uma linguagem estética semelhante, que é definida pelos movimentos sócio-culturais urbanos e sugere o comportamento social coletivo. Observam-se influências e interferências entre os três vetores da pesquisa, configurando-os como interface, de tudo que pode ser contemporaneamente produzido. O contexto atual, abandona as grandes estruturas transcendentais e teleológicas, enquanto pauta sua estética na ‘cultura do ornamento e do signo’, criando formas que parecem estar limitadas ao revivalismo, ao kitsch e ao eclético, travando, assim, uma interdependência temporal, que pode ser compreendida, quando lastreada na investigação histórica, através dos pontos de origem, pontos de congruência e pontos de convergência das concepções, conforme demonstra o gráfico (esquema das interseções entre Arquitetura, Urbanismo e Moda).



A interdependência, iconograficamente explícita, ainda confirma que, além das semelhanças observadas nos conceitos que dão origem às concepções, também existem diversos pontos de congruência entre as criações que se atribuem à moda, à arquitetura ou ao urbanismo. Considerando-se que, quase tudo é tridimensionalmente concebido a partir de um desenho bidimensional, pode-se entender que os profissionais dessas áreas

partem de estudos sobre as mesmas questões – a espacialidade, a ergonomia, a forma, a funcionalidade, o estilo, os elementos de adorno, as técnicas construtivas, etc. Os arquitetos e urbanistas, devem resolver no croqui, problemas comuns aos *designers* de moda, que segundo Souza (1987, p. 33), estudam o equilíbrio, os volumes, as linhas, as cores e os ritmos, para então chegarem a uma forma, que é a medida do espaço, e o único elemento que se deve considerar na obra de arte.

Utilizada como principal ferramenta da linguagem de expressão visual, a forma, de acordo com estudos desenvolvidos a partir do *zeitgeist*, é capaz de revelar o ‘espírito do tempo’, das cidades, dos monumentos e das roupas. Diversas relações formais e conceituais, estabelecidas pela estética, desde a Antigüidade Clássica até os dias atuais, entre os três vetores da pesquisa, estão comentadas nas obras de Laver (1949), Mumford (1998), Sennett (2003) e Mello (2004).

Vale salientar que, ao observar diversos traços comuns, detectados por Jamerson, Derrida, Couchot e Quéau, nas artes plásticas, na computação gráfica, na arquitetura e na literatura, Wajnman (2002, p. 39) relaciona as características essenciais (*perda de centro; perda da separação sujeito/objeto, o sujeito e o contexto se confundem; poder da simulação, da recriação; supressão da profundidade, intertextualidade, mutabilidade; descontextualização, “canabalização aleatória” de todos os estilos do passado, simultaneidade*), para questionar sobre a inclusão da moda nessa mesma visão conceitual, uma vez que ela retrata as mesmas características e se volta às mesmas questões.

Contudo, conforme a pesquisa vem se desenvolvendo, é possível compreender que os infinitos argumentos e elementos que congruem pelos mesmos pontos, convergem para o mesmo foco de interesse: abrigar o indivíduo, usando uma linguagem estética para estabelecer uma comunicação coletiva. Entre os inúmeros pontos comuns, também se entende que a cidade, a casa e a roupa têm significações psicológicas de caráter essencialmente protetor. Em escalas diversas, representam uma forma de abrigo, enquanto buscam um equilíbrio entre a estética, a funcionalidade e o conforto.

Desde a virada do século XVIII, os paradigmas estéticos europeus, eleitos pela sociedade ocidental, direcionavam para um estilo de vida mais confortável, totalmente antagônico à experiência vivida na era barroca, quando, talvez se possa registrar o maior desafio que o indivíduo urbano tenha vivido, no sentido de adequar-se ao meio, afinal, usando saias com diâmetro de seis metros (Köhler, 2001, p. 416 à 432), era quase impossível circular nos espaços internos, através das portas, descer escadas, sentar em cadeiras ou sofás, dar um aperto de mãos, usar o toalete, etc.. Na busca de soluções, a

moda chegou a influenciar o *design* arquitetônico, nos corrimãos curvos e nas portas mais largas (Laver 2001, p. 131 e 178 à 180). Segundo Castilho, “a arquitetura dos castelos e o mobiliário tinham que ser modificados para que as mulheres com tais vestimentas pudessem ocupar e se locomover nesse espaço” (2004, p. 122). Assim como ocorreu na arquitetura, a moda evoluiu, experimentando novas formas e novos materiais de construção, buscando o desenvolvimento tecnológico das estruturas internas para essas vestiduras.

Fabricadas em ateliês comerciais, desde o século XIX, a complexidade das vestimentas exigiram esquemas e projetos para que fossem executadas. Estudos geométricos, estruturais e mecânicos, comuns à arquitetura, foram usados no desenvolvimento das armações ‘a coudes’ (tubulares), usadas para dar volume às *crinolinas* e às *tornure*. Essas novas estruturas, devolveram o movimento às mulheres. Até então, as roupas eram modeladas no corpo, assim como a arquitetura por algum tempo foi projetada sobre o solo.

Constata-se ter havido uma mudança gradativa na indumentária, enquanto novos elementos de conforto estavam sendo inseridos nos centros urbanos oitocentistas, o que leva a pensar que, indiretamente, as cidades induziram a adoção de um comportamento moderno, um novo estilo de viver e vestir, para que os indivíduos pudessem interagir com o meio. Assim, pode-se dizer que a arquitetura interferiu diretamente sobre o estilo de vida das sociedades, que se ‘afrancesavam’, ao elegerem o urbanismo *hausmanniano*, os estilos *Art Nouveau* ou *Art Déco*, a moda ditada pela *haute couture*, e principalmente, os modos de viver de uma *belle époque*. Percebe-se que, nessa fase, o urbanismo e a arquitetura foram referenciais da moda. A partir do século XX, não havia mais espaço nem para as anquinhas, nem para os adornos exagerados. Como usuárias dos serviços de bondes, metrô, automóveis, etc., as mulheres deveriam usar, e usaram, vestimentas que não lhes restringia os movimentos, possibilitando maior agilidade. Reafirma-se, portanto, a idéia de que o desenvolvimento tecnológico não só apresentou novas formas, facilitando o cotidiano nos centros urbanos, mas, mudou hábitos, costumes e valores, como o despertar para a prática de esportes, a preocupação com o corpo e a busca de lazer em espaços públicos.

Nas primeiras décadas do século XX, parece ter sido difícil dissociar a imagem paradigmática de Paris, com a sua imponente beleza arquitetônica, dos produtos de moda que encantaram o mundo, ou da elegância requintada dos seus transeuntes. Sennett (2003), comenta que na Paris revolucionária do século XIX, um imaginário de liberdade corporal entrou em conflito com a necessidade de espaço comum e dos rituais

comunitários. Coloca também que o triunfo da liberdade individual de movimento, simultaneamente ao surgimento das metrópoles do século XIX, levou a um dilema específico e que ainda persiste: cada corpo move-se à vontade, sem perceber a presença dos demais (p. 21). Iniciava-se naquele momento, o processo de individualismo, predominante nos indivíduos metropolitanos, que está retratado nas formas estéticas da moda, citadas por Mendes e Haye (2003, p. 74), e da arquitetura, no final do século XX.

A partir dessas infinitas relações conceituais, materiais, formais e espaciais entre a arquitetura, o urbanismo e a moda, constata-se a possibilidade de se utilizar a arquitetura de concepção, no desenvolvimento de produtos de moda, assim como na elaboração de um projeto. Afinal, a arquitetonicidade, enquanto conceito arquitetônico de concepção, refere-se à arquitetura não como um produto, mas, como um projeto. Assim como na moda, a essência da arquitetura está no desenho.

Entende-se que a moda é concebida sob a influência de fatos e circunstâncias que definem os momentos. Absorvidos pelos indivíduos que compartilham os mesmos espaços, esses momentos se transformam em movimentos sócio-culturais urbanos. As combinações desses códigos, formatam estilos e compõem 'modos'. O modo de vestir, sempre corresponde ao modo de ser, de estar e de viver, pode-se colocar, portanto, que a moda é o reflexo de um tempo, expressando uma cultura, seja através da sociedades, da arquitetura, da cidade ou da arte. A espacialidade, que não se restringe a um campo específico a não ser ao nosso consciente mental, fabricando imagens e delimitando uma dimensão física para alguma coisa, segundo Zevi (2000, p. 175), na arquitetura pode ser interpretada a partir de três pontos: conteúdo, fisiopsicologia e forma. Na moda, essa análise não versa sobre outros itens. A moda e a arquitetura devem ser entendidas a partir das suas interpretações conceituais, para que melhor se compreenda uma série de possibilidades que têm, de agregar informações às construções imagéticas, como as de beleza, emoções, força, poder, etc.

Na arquitetura e na moda conceitual do século XXI, destaca-se o trabalho de japoneses, que radicados na Europa e nos Estados Unidos desde as últimas décadas do século XX, têm influenciado e até direcionado o *design* ocidental. Minimalistas por excelência, os 'neo-japonistas' são mestres em usar a espacialidade como um dos mais importantes eixos para uma representação iconológica. No que se refere ao urbanismo, considera-se que uma das melhores retratações foi feita por Lipovetsky (2001, p. 12), ao citar que a moda é a pedra angular da vida coletiva, que comanda as nossas sociedades ocidentais. Deve ser vista como um fenômeno sócio-cultural urbano, uma vez que tem

seus padrões estéticos redefinidos através dos movimentos culturais, os quais, são superados apenas pela beleza, como forma intemporal, eterna.

O individualismo, que se afirmou a partir dos anos 90, pontua que a importância de ser diferentemente igual a todos, sem barreiras. A liberdade de expressão (explícita na moda, pela variedade de modelos compondo uma mesma vitrine), e o 'morar só' (em espaços bem decorados e criativos, como os *lofts*), criaram uma tendência para que a moda, os espaços, os hábitos e os costumes também se individualizassem. Criou-se uma forma de viver e entender o mundo de acordo com o conceito de visualidade limpa da estética *clean*, aplicável a qualquer área. O indivíduo urbano passou a frequentar 'espaços *hipe*', que funcionam 24 horas/dia e oferecem um *mix* de produtos universais, que variam de livros à *frost-food*. Observa-se inclusive, que nesses locais de concepção recente e atual, a oferta dos produtos é feita em uma dinâmica de *self-service*, o que preserva o individualismo do consumidor e provoca que uma variedade de estilos seja exposta de forma paralela e harmônica, visando contemplar, simultaneamente, diferentes clientes.

Nota-se que também houve uma valorização dos espaços onde se possa manter contato direto com a natureza, provavelmente, em decorrência à saturação provocada pelo inevitável convívio com os inconvenientes urbanos. Contudo, na continuidade desse processo, o código da virada do século XX foi 'preservar' (no aspecto material, ou no imaterial). O homem entendeu que só é possível ser imortal transcendendo o seu próprio tempo, e, essa nova visão sobre a extensão da vida, concede um valor máximo ao passado, fazendo com que as informações trazidas de outras épocas, possam, como numa engrenagem, se interligar e montar o presente. Sob a ótica da prática urbanística neoliberal, desregulacionista e preservacionista, surge na arquitetura, no espaço urbano e na moda, o interesse pela '*vintage*' e pelo '*retrô*' (expresso em releitura) parte da necessidade do homem 'encontrar sua referência, para que possa determinar sua trajetória' (conforme teorizou Einstein). Assim, investiu-se na revitalização de centros históricos, na criação de parques ecológicos com projetos de preservação ambiental, e na revalorização de espaços públicos comuns, como as praças. Fora do perímetro urbano, ocorreu a delimitação de reservas naturais, que passaram a ser protegidas por órgãos específicos, sob uma vigilância muito mais cuidadosa, visando preservar o que ainda sobrava do meio ambiente natural.

A moda, através da sua linguagem conceitual com abrangência universal, assim como o urbanismo e a arquitetura, se manifesta, a favor dos projetos de preservação do ecossistema e aproximação entre homem e a natureza, como se buscasse resgatar suas origens. Contudo, é um novo discurso que se vê redirecionando esse sentimento de

resgate, predominado pela pluralidade de sentidos, que abole a centralização das idéias, fragmentando-as. Para Vera Dodebei (2000, p. 60), é através das representações processadas na esfera pessoal, como memória individual, ou, na esfera pública, como memória coletiva, que se retém a memória social, construindo identidades culturais.

A intercessão, entre o urbanismo e a moda, faz acreditar que se caminha em direção ao momento de reconhecer, que a *skyline* das cidades não mais poderá ser determinada pelas suas formas, mas, pelo efeito pluralista contido na sua imagem, construída a partir do imaginário coletivo, efêmero e mutante, capaz de absorver as mais variadas informações. A moda, como expressão individual e tribal, é um produto essencialmente urbano, e torna-se indispensável à essa composição imagética.

Enquanto o reflexo de um tempo, capaz de expor os hábitos e os costumes de uma sociedade, a moda que decora os corpos, os espaços interiores ou a fachada dos monumentos, pode ser compreendida como um objeto de composição da imagem urbana. O estilo adotado pela moda, informa sobre os modos de viver de uma sociedade. Segundo Argan (1998, p. 43), ela representa um papel na dimensão cênica da cidade. Percebe-se, que assim como os estilos arquitetônicos, as formas vestimentares representam uma fonte de informações, de valor simbólico inesgotável, que complementam a leitura dos espaços urbanos, passível de identificar o tempo e o espaço de uma paisagem, o que é vital para as investigações históricas das cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 4.ed. Tradução Pier Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CASTILHO, Káthia. *Moda e linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. *Construindo o conceito de documento*. In: LEMOS, Maria Teresa T. Brittes e MORAES, Nilson Alves de. (orgs.) *Memórias e Construções de Identidades*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras – UNI-RIO, 2000.

KÖHLER, Carl. *História do vestuário*. 2. ed. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAVÉ, James. *Style in costume*. Londres: Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press, 1949.

_____. *A roupa e a moda: uma história concisa*. 5ª reimp. Tradução Glória M. Carvalho. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria L Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- MELLO, Márcia M. Couto. *Salvador Multimagética*. Dissertação de Mestrado PPGAU, FA-UFBA, 2004.
- MENDES, Valerie D.; HAYE, Amy de la. *A moda do século XX*. Tradução Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. (1. es. 1968) 4. ed. Tradução Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Tradução Marcos A. Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SOUZA, Gilda de Melo e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- WAJNMAN, Solange e ALMEIDA, Adilson José de (orgs.). *Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico*. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2002.
- ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. 5. ed. 3ª tir. Tradução M. Isabel Gaspar e Gaëtan M. Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.